

Wayana e Aparai: etnias caribe do Paru de Leste

Paula Morgado (Depto. de Antropologia/USP)
Eliane Camargo (CELIA¹, CNRS-Paris)

As primeiras fontes escritas do século XIX até os primeiros trabalhos etnológicos produzidos na década de 70 revelam a dificuldade de se diferenciar etnicamente os Aparai e os Wayana. De um lado, devido a uma política de intercasamento entre eles, resultando num sincretismo sócio-cultural e linguístico e, de outro, por ocuparem um mesmo território, o rio Paru de Leste, que até fins do século XIX respeitava fronteiras étnicas distintas. De fato, já a partir de inícios do século XVIII os dois grupos começaram a sofrer um processo de compressão territorial e, concomitantemente, de fusão social. Com a formação de aldeias mistas, fruto dos casamentos inter-étnicos, surgiu um novo estatuto sócio-linguístico: o bilinguismo. Este só foi associado há pouco tempo, pelos órgãos oficiais e pelos pesquisadores, às características socio-culturais desta área caribe, sendo a língua vista como o único traço distintivo destas duas etnias.

Os Wayana e Aparai do Paru de Leste formam um grupo territorial, composto por 11 aldeias aparai e 6 wayana (10 aldeias no PI Tumucumaque - 6 aparai e 4 wayana, e 7 na Al Paru de Este - 4 aparai e 3 wayana). Todavia, é comum ouvirmos da população que hoje há poucos Aparai, embora as estatísticas revelem o contrário. Entretanto, quando vemos que inexitem aldeias aparai nos outros dois grupos territoriais, do Suriname e da Guiana Francesa, isto parece nos fornecer a explicação para a assertiva nativa acima sobre os Wayana. Para eles, a questão demográfica está relacionada ao campo espacial que circunscreve o espaço social, e menos ao número absoluto de assentamentos. De fato, a redução do território aparai (restrita hoje ao rio Paru de Leste) foi mais drástica do que para os Wayana, que além do Paru, encontram-se espalhados em outros rios: Alitani (GF) e Paloemeu e Tapanahoni (SU).

Assim, cremos ser falacioso falar de uma fusão étnica perante uma realidade sócio-linguística que responde tanto a identidade linguística dos membros de ambos grupos quanto a reprodução de assentamentos no Paru. Vejamos porque:

Primeiro, em julho de 1989, das 129 pessoas que compunham a aldeia Apalaí², a mais populosa da área, apenas um pouco mais de 20% (26 pessoas) eram Aparai "puro", isto é, filhos de pais aparai, e 7% Wayana "puro" (9 pessoas). Os demais eram "cruzados", isto é, filhos de pais Aparai e Wayana. Hoje esta situação não é muito diferente em Apalaí e nas demais dezessete aldeias que

¹CELIA - Centre d'Études Indigènes de Langues d'Amérique.

² A aldeia Apalaí abriga o primeiro posto indígena da área, a primeira escola, a única pista de pouso ativa e, até 1992, a base do SIL.

integram o grupo territorial do Paru. Mas se uma única cultura é partilhada em toda a área isto se distancia dos discursos locais que reiteram uma separação étnica, como nos fala um jovem: *Nós somos separados. Assim como tem Wayana, Kaxuyana, somos Aparai*. Isto reitera o que já dissemos que precisamos distinguir fusão cultural de fusão étnica e grupo territorial de grupo étnico.

Segundo, mesmo prevalecendo a regra de filiação bilateral, praticamente toda a população sendo bilíngue e compartilhando uma só cultura, mecanismos sócio-linguísticos se encarregam de garantir a reprodução de assentamentos wayana e aparai. A designação étnica destes é dada em função da língua que fala o pai do chefe que foi o seu fundador. Em outras palavras, através da ascendência linguística paterna do chefe de cada aldeia é designada a filiação étnica da respectiva aldeia: a língua local é a língua do pai do chefe da aldeia. Esta regra vale para todas elas, com exceção da aldeia Apalaí, cuja formação e morfologia social não segue os padrões tradicionais já que esta se constituiu por força de um projeto criado pelo governo para reunir todos os membros em um único local. Nesta aldeia, as duas principais lideranças aparai e wayana disputam o poder e as unidades domésticas (formadas por famílias nucleares) partilham um faccionalismo político. Nota-se igualmente que a regra da filiação linguística paterna, que nas demais aldeias age ao nível macro do grupo local, aqui atua também ao nível das unidades domésticas: falar-se-á a língua do avô paterno do chefe da família nuclear. Mas esta também pode ser vista como uma regra laxista já que a língua do pai da mãe pode vir a ser usada em família. Isto ocorre geralmente quando o poder do seu chefe local sobre o grupo doméstico (inclui-se aqui filhos casados e genros) é fraco, ou seja, quando o pai de seu genro ou nora exerce um poder maior que o próprio chefe perante sua parentela.

Entretanto, entre 1993 e 95, notamos que individualmente, muitos se identificavam como sendo wayana ou aparai segundo a língua do avô paterno, o que demonstra que a identificação linguística está intimamente ligada à identificação étnica. Porém, falar uma das línguas ou ambas é um fato social e também político. Um indivíduo dirá, com certeza, que pertence a um grupo étnico, se sua filiação linguística for "pura" e no caso de ser "cruzada" a tendência será se identificar pela filiação local paterna, mas esta escolha dependerá também de um jogo de forças políticas.

Quanto às línguas em si, constatamos dois fenômenos: o primeiro é em relação aos falantes e a identificação étnica atribuída. Isto é, a língua wayana é praticamente falada somente pelos descendentes de pais ou de um dos pais wayana. Enquanto que a língua aparai é falada não só pelos indivíduos de identificação étnica aparai como pelos Wayana do Paru. Isto se deve tanto ao processo de evangelização (Novo Testamento e documentos escritos em aparai) como à escolarização em língua aparai. Cabe também mencionarmos que a língua wayana do Paru apresenta inúmeros empréstimos lexicais do aparai. Esta integração lexical já está dificilmente sendo distinguida pelos próprios falantes wayana da nova geração.

Assim, este fenômeno sócio-linguístico acaba não cedendo espaço para, o que poderíamos entender como, uma fusão étnica mais ampla entre os dois grupos. A língua aparai, por influência dos missionários acabou se tornando a língua de comunicação mais usada em toda a área; é a língua da escola, dos livros produzidos pelos missionários e dos cultos celebrados. Aos poucos, ela vai assumindo um valor político, desprendido das relações de parentesco que tradicionalmente definem o seu uso e acelerando o processo de integração dos grupos aos padrões culturais ocidentais.

Mas nem esta realidade linguística nem a "fusão" social impediu que certos traços culturais fossem reivindicados por cada grupo, bem como valores estéticos e aspectos da cosmologia. No plano estético, por exemplo, os artefatos com maior abundância de motivos seriam característicos dos Wayana, enquanto os objetos com menos motivos seriam Aparai; o emprego de pintura nas cerâmicas rituais seria característico da parafernália aparai e não wayana. Entre os padrões sociais, a cremação seria um rito funerário preferencialmente wayana, ao passo que o enterro um costume aparai. Igualmente, haveriam práticas xamânicas de origem aparai distintas das wayana e assim por diante. Em suma, os valores étnicos reiterados nos discursos do dia-à-dia, o mecanismo sócio-linguístico na origem dos assentamentos wayana e aparai e a presença do faccionalismo político confirmam que os Wayana e Aparai, no Paru, pensam a si como dois grupos étnicos.

Cabe mencionar que os Wayana estabelecidos em território francês se auto-distinguem dos do Paru, conhecidos justamente pela fusão étnica como <<Wayana-Aparai>>. Para entendermos como é a relação entre estes e aqueles localizados na região fronteira (BR,SU,GF) precisaríamos dar início a uma pesquisa etnológica que contemple as particularidades histórico-sociais vividas em cada território, onde se constituiu grupos socialmente distintos³, embora falando a mesma língua. Dizem os Wayana e Aparai do Paru referindo-se aos seus parentes do Alitani:

Os nossos parentes de lá já esqueceram como fazer muito artesanato. Só sabem fazer cesto (...) Os de lá tem muito bagulho, todos tem motor de popa, roupa, casa que nem de branco, mas não sabem fazer festa bonita como a nossa.

Para explicar a fusão social ocorrida no Paru, quando antes eram grupos hostis⁴, os Wayana e Aparai recorrem simultaneamente a explicações míticas e

³ Graças aos benefícios sociais que os índios recebem do governo enquanto "cidadãos" franceses e por estarem tão próximos aos núcleos urbanos, as transformações em seus padrões culturais são enormes, assim como o abandono da confecção de muitos objetos tradicionais acompanhado pela perda de várias outras tradições. Um dos efeitos deletérios mais apontados pelos autores é o alto consumo de bebidas alcólicas que tem trazido consequências desastrosas.

⁴ É quase impossível saber quando os Aparai e Wayana se tornaram inimigos já que nos primeiros registros escritos os dois grupos já se encontram em processo de "fusão" social. O que se pode ter conhecimento é quais os grupos, neste período, constituíam seus inimigos. Informações colhidas de fontes orais e escritas revelam que houve conflitos ao longo do rio Jari e Oiapoque com Waiãpi no período de busca de mão-de-

sociais, mas não históricas tal como entendemos: processo de compressão territorial, brusca redução demográfica e intensificação da rede de trocas comerciais com segmentos da sociedade envolvente. Segundo a visão nativa, "*há muito tempo atrás*" Wayana e Aparai eram inimigos, pois o mundo era povoado por inúmeros seres d'água antropófagos (os *ihpory*) que impediam os encontros entre eles de forma pacífica, garantindo a realização de trocas. Quando os Aparai, que moravam ao sul, iam ao encontro dos Wayana, habitantes do Norte, eram atacados em suas canoas por tais seres e muitos deles mortos, o mesmo se dando com os Wayana que tentavam se aproximar das terras dos Aparai. Mas ambos grupos desconheciam o verdadeiro autor de tais agressões, prolongando-se um perpétuo estado de guerra entre eles. Conta um mito que ao descobrirem um desses seres, uma enorme cobra-lagarta chamada *Turupereimo*, partiram, conjuntamente, para matá-lo. Sua morte os aproximou dando início a uma intensa rede de trocas. Esta estória é por todos sabido a ela estando associada a origem dos motivos estéticos que integram a cultura material. Na visão indígena este discurso mítico se complementa com a necessidade de ambos grupos "precisarem de mulheres", abrindo espaço para casamentos inter-étnicos, já que o progressivo contato com a sociedade envolvente havia provocado um sensível decréscimo populacional.

Tal como aponta a história do contato vivida pelos dois grupos, as grandes transformações sociais sentidas no interior da sociedade não se devem à incorporação de novos itens na cultura material (ou bens materiais exógenos). Do mesmo modo as migrações não se realizam, primordialmente, por força das trocas materiais. O processo de ocidentalização está, fundamentalmente, ligado ao impacto de novas ideologias sobre os sistemas culturais. De um lado este processo tem êxito graças ao sistema de educação formal implantado na área e, de outro, a política assistencialista reproduzida pelos agentes de contato envolvidos (funcionários da FUNAI, missionários e recentemente o NEI - Núcleo de Educação Indígena/SEEC). É com tais agentes que aqueles que desejam desenvolver um trabalho nas áreas de saúde, educação ou de desenvolvimento precisam dialogar e procurar estabelecer estratégias complementares e não concorrentes que dificultem mais ainda o difícil processo de ajuste entre a sociedade tradicional indígena e a sociedade moderna envolvente.

obra indígena ou de escravos índios por parte da Coroa portuguesa, onde os Waiãpi eram munidos de armas para lutar contra os Aparai e Wayana. O primeiro registro de tais conflitos data de 1750 (Patris, 1967), prossegue no século seguinte (Coudreau, 1893: 279/561), estendendo-se até 1850, quando os dois grupos começam a retomar uma relação pacífica (Coudreau, op.cit:283), como confirmam também as fontes orais colhidas por Gallois (1988:143). Nas bacias dos rios alto Jari, alto Oiapoque e alto Inupuku, aos poucos a guerra cederá espaço às trocas comerciais e os Wayana-Aparai serão chamados por aqueles de *banare-ko*, (*banare*, "amigo ou parceiro de troca") (Gallois,ibid). Coudreau menciona também que ao longo do século XVIII, os Wayana teriam feito guerra contra os Tiriyo, Aparai e Oupourouis, conflitos que envolvem questões de concorrência comercial (confirmado por Manen, 1907; Grenand, 1972).